



MYLENE CRISTINE PERIN

Olhares sobre a produção de autoria em Persépolis

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, Campus Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientadora prof.^a Dra. Angela Derlise Stübe

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 20/07/2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Angela Derlise Stübe (UFFS)

Prof.º Dr. Eric Duarte Ferreira (UFFS)

Prof.^a Dra. Tamiris Gonçalves (PNPD-CAPES PPGEL/UFFS)

Olhares sobre a produção de autoria em Persépolis¹

Mylene Cristine Perin²

mylenecristine.p@gmail.com

RESUMO: Neste texto discutimos acerca da autoria em Persépolis. O objetivo deste trabalho é compreender como se produz autoria em Persépolis. Para o desenvolver do trabalho, foram elegidos dois caminhos de análise para a compreensão da produção de autoria: um deles sendo o hibridismo de gêneros entre história em quadrinhos e autobiografia e, o outro o “eu” como marca de autoria, presente em Persépolis. Em ambos os percursos, ressaltase a importância de todos os elementos presentes no texto para esse entendimento. Primeiramente, o texto Persépolis é apresentado, com alguns recortes históricos relevantes para sua compreensão. Em seguida, é feito um recorte teórico sobre elementos textuais importantes para a análise, partindo principalmente da perspectiva de Bakhtin sobre os gêneros discursivos, entre outros autores. Para discutir autoria partimos principalmente de Foucault e, por fim, apresentam-se os dois percursos elegidos para compreender a autoria. Neste ponto, culminam os dois anteriores, ou seja, o caminho é: texto, elementos textuais e análise. Seguindo os caminhos escolhidos, possibilita-se um olhar cauteloso da vida de Marjane desde sua infância, como o contexto histórico em que viveu acarretou em suas escolhas de vida. Essa história em quadrinhos é importante para compreender também o papel da mulher na sociedade, como religião e política tem um papel fundamental nas escolhas tomadas por cada um e, então, nos caminhos que seguirão em suas vidas. Todos esses aspectos são importantes para compreender como Satrapi, por fim, é nomeada autora de Persépolis.

PALAVRAS-CHAVE: Persépolis; Gêneros do discurso; Hibridismo; Autoria.

Introdução

Persépolis é um texto de Marjane Satrapi em que, através de uma história em quadrinhos autobiográfica, relatou parte da sua vida, o que viveu como criança/adolescente no Irã e como essas vivências atuaram na mulher que se tornou. Unindo a linguagem verbal e não verbal, Satrapi apresentou um pouco da história do Irã, as mudanças que aconteceram no seu país e como ela e sua família passaram por todos esses acontecimentos. A introdução de Persépolis ficou por conta de Beauchard³, que faz uma pequena linha do tempo da história dos conflitos do Irã, para então passar a palavra para Satrapi. Beauchard (2007, p. 3) relata: “Essa é a grande história. Marjane herdou tudo isso, e fez o primeiro álbum de história em quadrinhos iraniano”.

Persépolis foi publicado pela primeira vez no ano de 2000 e a edição utilizada nesse trabalho é a de 2009. Apesar de ter mais de 20 anos, o texto ainda é de extrema relevância para os dias atuais, já que trata de assuntos ainda pulsantes, como o papel da mulher na sociedade, a política do Oriente Médio, o papel da escola na sociedade, entre outros. Satrapi, ao decorrer do

¹ Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Chapecó, como requisito parcial para aprovação no Componente Curricular Trabalho de Conclusão de Curso II. Orientadora Profa. Dra. Angela Derlise Stübe.

² Estudante da 9ª fase do Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Chapecó.

³ David Beauchard, escritor francês de histórias em quadrinhos e fundador da editora francesa L'Association, editora original de Persépolis.

texto, trata principalmente de questões políticas do Irã e o papel da mulher na sociedade, principalmente no período da pós-revolução iraniana. Atualmente, as questões políticas do Irã ainda são muito comentadas, principalmente no que toca os conflitos com outros países, como os Estados Unidos, por exemplo.

Para a realização deste trabalho, é apresentado, primeiramente, um breve resumo de Persépolis, com alguns aspectos históricos que são importantes para a compreensão do texto, passando tanto por assuntos políticos quanto pessoais relevantes à vida de Satrapi. O passo seguinte é a reflexão teórica voltada aos gêneros do discurso, observando, nesse ponto, da perspectiva de Bakhtin, principalmente em seu texto *Os Gêneros do Discurso* (2016), além também da releitura empreendida por Marcuschi. Esses são autores que possibilitarão uma compreensão geral do que é “discurso”, pois sua compreensão é de extrema relevância para o entendimento dos próximos elementos, que seguem em perspectivas similares de estudo sobre os gêneros discursivos. Em seguida, parte-se para a compreensão de linguagem verbal e não verbal e da maneira como estas atuam de modo conjunto e complementar na produção de sentidos.

O hibridismo de gêneros entre história em quadrinhos e autobiografia é o ponto seguinte. Nessa questão, para a compreensão do conceito de autobiografia, partimos principalmente da perspectiva de Philippe Lejeune, através de sua obra *O Pacto Autobiográfico* (2014), em que o autor trata da caracterização da autobiografia, assim como da utilização do pronome pessoal “eu” como marca textual do gênero. A relação entre todos esses elementos torna-se muito relevante para chegarmos, por fim, em nosso produto final, que é a produção de autoria.

Compreender autoria é um dos pontos mais relevantes para esse trabalho. Dessa forma, o texto *O que é um autor?* (2009), de Foucault, torna-se basilar para o desenvolvimento dessa questão, que é de extrema importância para o entendimento da função do autor. Em *Texto e autoria* (2006), Lagazzi trabalha diretamente com o texto de Foucault citado anteriormente, tornando-se relevante no trabalho aqui realizado, já que apresenta discussões importantes sobre autoria.

Este estudo sobre Persépolis aborda não somente questões textuais, mas também culturais e pessoais. Sendo assim, todas as informações apresentadas, ao decorrer do texto, são de suma importância para uma compreensão total do objetivo central, que é a produção de autoria. As questões sociais e políticas presentes na obra também são muito relevantes para a compreensão da formação da personalidade de Satrapi, assim como se tornam importantes para o seu entendimento como autora, que vão além dos aspectos textuais.

1 Persépolis, a primeira história em quadrinhos iraniana

Persépolis é uma história em quadrinhos da ilustradora e escritora Marjane Satrapi. Publicada originalmente na França, em francês, no ano de 2000, inicialmente em quatro (04) volumes, a obra chega ao Brasil no ano de 2007, pela editora *Quadrinhos na Cia*, com a tradução de Paulo Werneck. Neste trabalho, utilizou-se a 18ª reimpressão traduzida, que é um compilado dos volumes publicados anteriormente, conforme fotografias 1 e 2:

Fotografia 1 - Persépolis, capa.



Fotografia de Mylene C Perin.

Fotografia 2 - Persépolis, contracapa.



Fotografia de Mylene C Perin.

Conforme apresentado por Miguel (2017, p. 2), o título Persépolis “[...] remete ao nome da antiga capital do Império Persa, de onde emergiu o Irã”. A história de Satrapi ambienta-se no Irã, fato que acaba interferindo na vida de Satrapi.

Em Persépolis, através de histórias em quadrinhos, Satrapi apresenta sua história de vida durante o período de 1980 a 1994, com fatos históricos de seu país e de sua vida particular. Conforme aspectos apontados por Marra, “Persépolis pode ser lida como uma nova perspectiva sobre temas muitas vezes incompreendidos no Ocidente, tais como a situação política do Irã, a identidade iraniana e o islamismo” (MARRA, 2014, p. 20).

Satrapi tinha 10 anos quando presenciou a revolução iraniana, durante a qual, junto com seus pais, participou de algumas das manifestações que corroboraram para a derrubada do Xá. Porém, após a revolução, o Irã iniciou o regime islâmico, com extremismo religioso. Este regime instaurou o uso obrigatório do véu para as meninas junto a sua separação dos meninos nas escolas, além do fato de que esta deixa de ser laica e bilíngue. Neste tempo pós-revolução,

a autora conhece seu tio Anuch, que algum tempo depois foi executado, o que causou grande tristeza e revolta na menina. A personagem de Satrapi tem grande estranhamento ao pensar no véu, pois era muito religiosa, além do fato de que, desde pequena, gostava de saber o que acontecia em seu país, com explicações de seus pais e leitura de livros. Marra descreve brevemente Satrapi:

Marjane, como toda criança, é curiosa e está sempre atenta às mudanças discursivas. Ela, entretanto, está à margem do pensamento dominante. Aqui há um paradoxo, a criança, normalmente vista como ingênua e ignorante dos assuntos políticos, é aquela que vê com maior clareza os mecanismos da coesão e coerção políticas: os discursos da tradição (MARRA, 2014, p. 4).

Marjane e sua família presenciaram amigos e familiares partirem para os Estados Unidos para não viver o regime islâmico. Tempos depois, porém, essas mudanças foram proibidas, deixando-a entristecida, pois concluiu que não veria mais os amigos que foram embora do país.

Por conta do extremismo religioso imposto no regime pós-revolução, Satrapi apresenta, no decorrer da autobiografia, alguns aspectos que ela e sua família mudaram para que não sofressem maiores punições, como: mentir que rezavam muitas vezes ao dia e o uso do véu, por parte de sua mãe, assim que começou a sofrer com ameaças. Marjane e seus pais até participaram de uma manifestação contra o governo fundamentalista, porém, tiveram que fugir quando a violência começou. Resolveram, então, fazer uma viagem para a Espanha e a Itália. Ao retornarem, receberam da avó de Marjane a notícia de que os fundamentalistas do Irã estavam em guerra contra o Iraque. Durante a guerra, Satrapi e sua família passaram por muitas experiências e presenciaram seu país e sua cidade serem bombardeados pelo Iraque.

Marjane tinha quatorze anos de idade quando seus pais resolveram que seria melhor que ela fosse para a Áustria, pois uma amiga de sua mãe morava lá e poderia dar apoio a ela. Depois de quatro anos vivendo em Viena – e muitas aventuras –, ela retornou a Teerã para a casa de seus pais, que contaram tudo que havia acontecido por ali enquanto ela esteve fora. Após um tempo de volta a suas origens, Satrapi se casou com Reza. Contudo, em poucos meses, o casamento desabou e passaram a dormir em quartos separados. Durante esse período, Marjane presenciou acontecimentos absurdos do regime que o país passava e também o fim da guerra.

Após três anos casada, Marjane optou pelo divórcio, pois não amava mais seu marido. Após alguns anos de sua volta a Teerã, optou por mudar-se para França, e assim o fez. Dessa forma, a narrativa de Satrapi termina, frisando que após essa despedida, só voltou a ver sua avó mais uma vez, e então ela faleceu. Durante toda a obra, uma relação muito próxima entre

Marjane e a avó é retratada, que esteve sempre presente em sua vida, desde a infância até a vida adulta.

Persépolis destacou-se por tocar com muita sensibilidade e profundidade em questões como religião, relacionamento, política, cultura e a vida da mulher na sociedade iraniana. Através da autobiografia, Satrapi apresenta a história de seu país e os acontecimentos que acarretaram na cultura deste e, ainda, por outro lado, os impactos destes acontecimentos, dessa história e dessa sociedade na sua própria constituição enquanto sujeito.

A introdução de Persépolis foi elaborada por David Beauchard, que apresenta um resumo do contexto histórico que reflete nos fatos narrados por Satrapi. Beauchard apresenta o início de tudo, quando os árabes invadiram a Pérsia em 642, e finaliza com o término da Segunda Guerra Mundial, quando, após uma série de acontecimentos, o Irã declarou Guerra à Alemanha, ocorrendo uma sucessiva troca de líderes no governo Iraniano. Persépolis é uma história em quadrinhos de Satrapi. Para situar o leitor na história, David Beauchard assina a introdução da obra: “Essa é a grande história. Marjane herdou tudo isso, e fez o primeiro álbum de história em quadrinhos iraniano”. (BEAUCHARD, 2007, p.3).

O contexto histórico da revolução Islâmica, em que ocorre a narrativa, ressalta diversos pontos, como: o papel da mulher na sociedade, através dos acontecimentos na vida de Marjane, e como precisar sair escondida para comprar um disco. Este fato colabora para a construção de como a mulher é vista e tratada no Islã. É um dos aspectos que corroboram na construção cultural de seu país, caracterizado pelo uso do véu, além da visão de uma revolução pelo “eu” criança de sua geração em 1980 e a importância da família para Marjane.

Os fatos relatados no início da obra de Satrapi, em que se narram as mudanças bruscas que ocorreram, como o uso obrigatório do véu, se dão pela mudança de governo do país, conforme apresentado por Magnavita (2011):

Com a ascensão dos aiatolás ao governo iraniano, consolida-se um forte nacionalismo e certo isolamento em relação aos países ocidentais, assim como um distanciamento em relação aos países islâmicos de maioria sunita. No plano interno, a negação e perseguição aos valores e símbolos culturais ocidentais. Os Estados outrora aliados passam ao estágio de estranhamento e associam a emergência de um Estado teocrático a um retrocesso no ritmo de modernização e ocidentalização do Irã. Em termos econômicos, isso significou a saída de um dos maiores produtores mundiais de petróleo da zona de influência dos Estados Unidos e do Reino Unido (MAGNAVITA, 2011, p. 134).

Conforme Magnavita (2011), Marjane, menina/mulher, é oriunda de uma família liberal, crítica e politizada. Desde a infância, vive momentos em que sua personalidade, forjada de acordo com sua criação, resulta em pensamentos e ações que geram, algumas vezes, desconforto

em seu jeito de ver e levar a vida. Assim como, ao enfrentar as dificuldades e o que é imposto a ela na sociedade em que vive, surgem o impulso e a vontade de buscar um novo lugar para viver. Marjane encontrou sua liberdade ao deixar o Irã e sua família e fazer sua nova vida na França, onde vive atualmente.

A escola é de suma importância na história de Satrapi, pois tem papel fundamental, desde a implantação do véu aos demais acontecimentos que se sucedem até sua vida adulta, em que sempre são apresentados recortes de vida escolar de Marjane. O papel da escola em Persépolis é muito importante. Desde o início do texto, a autora apresenta sua revolta nas mudanças às quais é exposta em seu âmbito escolar, por conta da política de seu país. Um dos pontos marcantes dessa revolta é quando ocorre a separação de meninos e meninas na escola, assim como quando a escola deixa de ser bilíngue. Estes são, com certeza, pontos fundamentais para a formação pessoal de Marjane ao decorrer da narrativa, aspectos estes que podem influenciar em suas escolhas depois, quando adulta.

Marjane ia à escola, conhecia cada vez mais sobre o mundo e aprofundava-se mais em saber sobre a história do Irã, possibilidades a partir da relação que tinha com seus pais e de como eles buscavam educá-la, então os acontecimentos que se sucedem fazem com que sua vida tome outros rumos. De acordo com Araujo e Silva (2017, p. 5):

A pequena Marjane vai construindo sua vida diante de uma situação extremamente diferente da que era acostumada, como consequência ela não se cala e não se deixa levar pela onda repressora que parte exclusivamente de forças masculinas e que também ganhava apoio de algumas mulheres iranianas. Ela se coloca como uma pessoa ativa, consciente de seu lugar e de sua existência. Tanta valentia fez com que a jovem visionária tivesse de se exilar em um país europeu, suas atitudes naquele momento e naquele local eram incompreendidas, era necessário um tempo longe do seu país para que não houvesse riscos de vida (ARAÚJO; SILVA, 2017, p. 5).

Por fazer parte de uma família politizada, Marjane torna-se uma pessoa mais crítica, que reflete sobre sua vida e sobre o que a cerca. Estes aspectos também fazem com que ela tome a atitude de se mudar, mesmo que essa escolha tenha significado muito em sua vida, já que deixou sua família, que ajudou integralmente em sua formação pessoal. A tensão na vida de Satrapi, no contexto social, produz atos no próprio modo de ela se relacionar com as amigas, com a família e possibilitará o deslocamento para que ela possa escrever sobre isso.

Satrapi, ao lançar sua obra *Persépolis* (2009), expõe sua perspectiva, de quando criança, da mudança que seu país sofreu em termos de governo e, para ela que presenciou tudo sendo mulher, num país onde a cultura trata as mulheres de uma forma um tanto opressora,

especialmente quando se observa do ponto de vista de outras culturas. Para Cavalcante (2013, p.24) é:

curioso notar que o próprio ato de escrever sua história, suas memórias, já é uma forma de subversão – não só ao regime fundamentalista religioso, mas também burlar hegemonia masculina na escrita, visto que as mulheres não possuem voz, não podem pensar seu meio, a sua sociedade e tudo o que representa. Satrapi é assim a primeira mulher iraniana a produzir uma história em quadrinhos e, para mais além, é uma escritora que lança para o mundo suas críticas ao sistema de governo vigente em seu país [...] (CAVALCANTE, 2013, P. 24).

Relatar sua história por meio de histórias em quadrinhos, em que as ilustrações carregam grande significado, acompanhadas dos textos verbais, reflete a força que Marjane criou e como se tornou uma grande mulher. Apesar de ter passado por muitas dificuldades em seu país de origem, conseguiu transformar tudo isso em uma autobiografia que apresenta não somente aspectos da sua própria história, vezes humorísticas e outras dramáticas, tornando seu texto forte e sentimental ao mesmo tempo, mas, ainda, aspectos da própria história do seu país, fazendo da sua obra um dos textos contemporâneos de grande potência nesse sentido da compreensão dos conflitos políticos, sociais e culturais que ocorrem ainda hoje nessa região.

A obra de Satrapi teve muito prestígio, tanto que acabou sendo adaptado em um longa-metragem que estreou em 2007 no Festival de Cannes, onde ainda obteve o prêmio do Júri. Neste mesmo ano, o longa-metragem chegou ao Brasil. O filme foi dirigido por Satrapi e Vincent Paronnaud, contando com a animação marcante dos traços da Marjane, com preto, branco e escalas de cinza. Para o filme, os quatro volumes de Persépolis foram adaptados, utilizando as partes mais relevantes de cada um para que o filme pudesse acontecer em 95 minutos.

Estes aspectos históricos são de suma importância para a compreensão de Persépolis, que, ao relacioná-los com os elementos textuais, proporcionam um entendimento completo e relevante do texto. Diferentes pontos de vista teóricos são importantes para um entendimento total de Persépolis e sua produção de autoria.

2 Ancoragem teórica

Partindo do texto Persépolis, além da compreensão de seu contexto histórico, é necessário também adentrar aos pontos de vista teóricos capazes de dar suporte para o dispositivo teórico-analítico deste estudo. Para isso, tomamos a noção de gêneros discursivos como elemento base para compreensão de hibridismo de gêneros e linguagens verbal e não verbal, e, por fim, discutimos o conceito de autoria, central neste estudo.

2.1 Elementos textuais fundamentais para compreensão de autoria em Persépolis

Neste tópico, será discutido principalmente acerca de gêneros discursivos, com enfoque em história em quadrinhos e, linguagens verbal e não verbal, que são elementos que compõe a estrutura desse gênero, sendo importantes para construção da compreensão de produção de autoria.

A conceituação de gêneros do discurso iniciou-se por Bakhtin no começo do século XX em seu grupo de estudos. O autor (2016, p.12) denomina os gêneros discursivos como tipos relativamente estáveis de enunciados, formados por três elementos, sendo eles: o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional. Esses aspectos, que formam os gêneros discursivos, produzem-se por meio do uso da língua, que se dá nos atos comunicativos da linguagem. Além disso, Bakhtin também expõe reflexões sobre as diversas possibilidades presentes nos gêneros discursivos, diante das atividades comunicativas realizadas pelos seres humanos, apresentando, então, uma grande diversidade de enunciados:

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multifacetada atividade humana e porque em cada campo dessa atividade vem sendo elaborado todo um repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que tal campo se desenvolve e ganha complexidade (Bakhtin, 2016, p. 12).

Além de refletir acerca da riqueza e da diversidade dos gêneros do discurso, Bakhtin (2016, p. 92) também discorre sobre a grande quantidade de gêneros discursivos que existem em diferentes esferas, assim como em diversas épocas. Diante dos gêneros do discurso, Bakhtin (2016, p. 20) apresenta duas classificações. Inicialmente, os gêneros primários, sendo estes os mais simples que estão presentes nas comunicações comuns e nos meios sociais. Já os gêneros secundários seriam os mais complexos, presentes em diferentes ações sociais, como

sociopolítico, filosófico, etc. A partir de Bakhtin, compreendemos que as histórias em quadrinhos, podem ser classificadas como gêneros secundários.

Marcuschi (2003, p. 17) traz a noção de que os “gêneros são formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos.”. Neste ponto, é possível observar a relação existente entre texto e discurso, apresentando como um processo, em que se parte das ações sociais comunicativas com o texto, chegando-se, então, ao discurso, e, por fim, aos possíveis efeitos de sentidos que possam ser interpretados a partir do texto. Ainda, Marcuschi (2003, p. 17) ressalta um ponto muito importante sobre texto e discurso: que em muitos momentos esses elementos são tratados como iguais, porém, não são o mesmo. O texto é mais concreto, já o discurso é o resultado desse texto, efeito de sentidos.

Partindo do que diz respeito aos gêneros textuais, seguimos para as histórias em quadrinhos. De acordo com Pato⁴ (2007, p. 23), as HQ's nasceram relacionadas com o imaginário e reflexão dos povos presentes na cultura medieval. Além disso, Pato (2007, p.24) também apresenta que as duas principais características das HQ's são o humor e a sátira. Ainda sobre o surgimento das histórias em quadrinhos, ele acrescenta:

Devemos considerar que os fenômenos relativos à mídia e às transformações dos gêneros, como o surgimento das Histórias em quadrinhos, não são pontuais. Refletem acontecimentos anteriores que lhe serviram de ponto de partida e que, em um determinado momento histórico, condensaram-se e deram origem a um novo meio com uma linguagem própria (PATO, 2007, p. 26).

As histórias em quadrinhos surgem como um importante gênero discursivo, em que é possível observar a presença de diferentes linguagens em um único gênero. Deste modo, segundo Pato (2007, p. 8), a abordagem bakhtiniana possibilita a leitura desse gênero fazendo com que sejam possíveis diversas leituras, desde a leitura oral até a visual, sendo, portanto, possível fazer relação verbal e não verbal em um mesmo texto, possibilitando o que Pato chama de comunicação dinâmica.

De acordo com Fernandes (2017, p. 130), o ilustrador, ao apresentar suas ilustrações em um livro, espera que essas sejam lidas em sequências, para que haja então uma coerência de interpretações de mundo considerando as relações de espaço/tempo que acabam por produzir uma narrativa.

⁴ Pato, em seus estudos sobre as Histórias em quadrinhos segue a perspectiva de gêneros discursivos partindo de Bakhtin.

Nas narrativas das histórias em quadrinhos, as linguagens verbal e não verbal, juntas, têm grande influências para a produção de sentidos para o texto, assim apresentado por Guimarães, (2013, p. 128):

Gênero atuante nos veículos de comunicação de massa, os quadrinhos condicionam seu sentido à interação entre linguagem e receptor – o que confere grande importância ao poder de interpretação do leitor. Da mesma forma que cinema, teatro e outras mídias constituídas por elementos verbais e não verbais, as mensagens em quadrinhos só podem ser compreendidas como um todo – a separação dos universos da palavra e da imagem corre o risco de uma informação incompleta e mesmo inconcebível (GUIMARÃES, 2013, p. 128).

Conforme apresentado na perspectiva de Guimarães (2013, p.125), a construção de sentido se dá ao longo do texto, acarretando, então, em interpretações que levam à produção de sentidos, como nas histórias em quadrinhos que são, em geral, formadas pelas linguagens verbal e não verbal. Voltados às histórias em quadrinhos, estes aspectos apresentados, desde os gêneros discursivos, o hibridismo de gênero causado por meio da história em quadrinhos e autobiografia, as linguagens verbal e não verbal, são cruciais para a compreensão da função autor e produção de autoria presentes em Persépolis. Para isso, iniciaremos a discussão acerca de função autor e autoria.

2.2 Autoria e função autor

Primeiramente, partindo de Foucault (2009, p. 264, 265), vale ressaltar que para nomear alguém autor é necessário levar em consideração diversos aspectos. Ser autor é uma atribuição do que foi escrito, não apenas a assinatura de algo. É exercer a função de autor no texto. Foucault (2009, p.276) apresenta algumas características da funcionalidade do autor, sendo uma delas em que essa função “[...] não se forma espontaneamente como a atribuição de um discurso a um indivíduo. É o resultado de uma operação complexa que constrói um certo ser de razão que se chama de autor”. Como já dito, para que aconteça a definição de autor, entram em questão diversos elementos presentes em um texto. O contexto do texto também é relevante para que essa função seja atribuída e, então, esse, junto a diversos outros processos, resultam, por fim, na autoria.

Foucault (2009, p. 272) traz que autor pode ser tratado como nome próprio, já que ao se referir a um autor, cria-se uma breve descrição dele, relacionando-o a algo que o autor trate, algo pelo qual seja reconhecido, funcionando como indicativo. Ou seja, o autor acaba criando uma identidade de si, de como e o que escreve, funcionando como uma relação entre o nome

próprio do autor e o que ele indica, o que é interligado a ele ao ouvir seu nome. Desse modo, Foucault (2009, p. 278) traz que “o texto sempre contém em si mesmo um certo número de signos que remetem ao autor”. Define ainda a função autor como “[...] característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade” (FOUCAULT, 2009 p. 274)

Foucault (2009, p. 276, 277) discute acerca de como é tratada a função autor na nossa sociedade, o que tem um discurso portador dessa função. Trazendo os textos de antigamente que, em geral, não tinham ligação a um autor, funcionava como um anonimato. Já nos dias atuais, temos sede em buscar um autor, a quem responsabilizar pelo que foi escrito ou dito. Neste ponto, Foucault ressalta que nos dias atuais os textos literários são muito ligados a um autor, a alguém que o pensou e escreveu. Já não funciona bem no anonimato, é necessário encontrar quem o escreveu.

A literatura tem um grande papel nesse ponto em definir autor, em buscar o autor de algum texto. Sendo assim, Foucault (2009, p. 278) apresenta definições do que é, de fato, um autor, quais suas ações na escrita, de acordo com a crítica literária de atualmente:

[...] o autor é aquilo que permite explicar tanto a presença de certos acontecimentos numa obra como as suas transformações, as suas deformações, as suas modificações diversas (e isto através da biografia do autor, da delimitação da sua perspectiva individual, da análise da sua origem social ou da sua posição de classe, da revelação do seu projecto fundamental). O autor é igualmente o princípio de uma certa unidade de escrita, pelo que todas as diferenças são reduzidas pelos princípios da evolução, da maturação ou da influência. O autor é ainda aquilo que permite ultrapassar as contradições que podem manifestar-se numa série de textos: deve haver — a um certo nível do seu pensamento e do seu desejo, da sua consciência ou do seu inconsciente — um ponto a partir do qual as contradições se resolvem, os elementos incompatíveis encaixam finalmente uns nos outros ou se organizam em torno de uma contradição fundamental ou originária. Em suma, o autor é uma espécie de foco de expressão, que, sob formas mais ou menos acabadas, se manifesta da mesma maneira, e com o mesmo valor, nas obras, nos rascunhos, nas cartas, nos fragmentos, etc. (FOUCAULT, 2009, P. 278).

Seguindo a perspectiva sobre autoria de acordo com Foucault, Lagazzi (2006, p. 90) escreve que “Os sentidos se produzem na relação com as formas significantes e a relação entre sujeito e escrita, entre escritor e texto passa a significar numa delimitação mútua. Ou seja, o sentido não está definido antes, como uma ideia pré-formada.”. Neste aspecto, identificamos que o sentido do texto se desenvolve a partir das interpretações do leitor, gerando os efeitos de sentido.

Já Lejeune (2014, p. 27) apresenta outros aspectos responsáveis também por caracterizar um autor e sua função, como a visão do leitor sobre o autor:

Um autor não é uma pessoa. É uma pessoa que escreve e publica. Inscrito, a um só tempo, no texto e no extratexto, ele é a linha de contato entre eles. O autor se define como sendo simultaneamente uma pessoa real socialmente responsável e o produtor de um discurso. Para o leitor, que não conhece a pessoa real, embora creia em sua existência, o autor se define como a pessoa capaz de produzir aquele discurso e vai imaginá-lo, então, a partir do que ele produz (LEJEUNE, 2014, p. 27).

Este aspecto, retratado por Lejeune, diz respeito sobre o que já foi apontado antes, os elementos que juntos formam, então, a autoria e que um desses é o sujeito leitor. O autor produz o texto, o discurso e então o leitor chega a uma possível leitura de sentido, juntando os elementos apresentados pelo autor e os que já conhece. O leitor é um ponto de extrema importância para a formação do autor, pois existe uma relação entre o autor e o leitor.

Ainda na perspectiva de Lejeune (2014, p. 144), o autor, inicialmente, pode ser caracterizado como tal por simplesmente escrever um texto, mas também por assumir os riscos de sua produção, o que implica na responsabilidade de ser declarado autor por um terceiro. Neste ponto, Lejeune (2014, p. 144) traz que há muitas implicâncias ligadas ao autor, tais como responsabilidade jurídica, direito moral e intelectual, propriedade literária e a assinatura, que está ligada diretamente à responsabilidade jurídica, assim como é relacionada às questões editoriais, tais como o nome na capa. Lejeune reforça que essas questões fazem parte de um sistema relacionado à autoria. Estes aspectos relacionados à autoria e função autor, assim como os demais elementos textuais citados anteriormente, são importantes para a compreensão de como ocorre essa produção de autoria em Persépolis.

3 Diferentes olhares sobre a produção de autoria em Persépolis

Após a apresentação dos elementos textuais presentes em Persépolis, relevantes para análise da produção de autoria, inicia-se esta seção relatando que serão seguidos dois caminhos para compreender essa produção: o primeiro, partindo do hibridismo de gêneros e, o segundo, pelo “eu” como marca de autoria. Para esta análise, serão utilizadas fotografias dos quadinhos de Persépolis, selecionadas de acordo com as regularidades presentes que foram interpretadas como relevantes e indispensáveis para as seguintes análises.

Satrapa escreve Persépolis estando na França. Seu relato autobiográfico é uma ficção que se fundamenta em uma lembrança. São apresentados pontos de ancoragem de uma história, uma memória tanto histórica, do país em que viveu, quanto de suas experiências de vida, que partem para sua escrita. Neste ponto, ocorre um deslocamento como autora, em que

Satrapi precisa criar a personagem de Marjane, descrevendo-a e criando uma identidade para essa personagem do início ao fim do texto. Ao mesmo tempo em que ocorre uma rememoração dos aspectos históricos de sua vida pessoal, é descrito todo o contexto que envolveu essa história. Sendo assim, os aspectos políticos de seu país são os principais fatores que acarretaram os demais acontecimentos da vida da pequena Marjane.

Vale ressaltar, neste ponto, que é importante falar sobre autoria para desmitificar, antes de tudo, que autor é somente quem assina algo. Ser autor envolve muito mais que isso. São muitos os aspectos que corroboram para que seja forjada essa identidade de autor e são nesses aspectos que se darão as análises a seguir.

3.1 Hibridismo de gênero: autobiografia e história em quadrinhos como marca de autoria

Persépolis é um texto autobiográfico, em que Satrapi traça uma linha do tempo da sua vida por meio de uma narrativa em história em quadrinhos. A união de ambos os gêneros do discurso – autobiografia e história em quadrinhos – gera o hibridismo de gêneros presente neste texto.

Primeiramente, para obtermos uma possível definição de autobiografia, vamos até Vapereau, trazendo que “AUTOBIOGRAFIA [...] obra literária, romance, poema, tratado filosófico etc., cujo autor teve a intenção, secreta ou confessa, de contar sua vida, de expor seus pensamentos ou de expressar seus sentimentos.” (1876 apud LEJEUNE, 2014, p. 62).

Ainda sobre a escrita de si mesmo, Lejeune escreve que “a autobiografia abre um grande espaço à fantasia e quem a escreve não é absolutamente obrigado a ser exato quanto aos fatos, como nas Memórias, ou a dizer toda a verdade como nas confissões.” (LEJEUNE, 2014, p. 63). Deste ponto, partimos para a autobiografia de Satrapi, em que a autora, por meio da linguagem verbal e não verbal, busca apresentar sua vida, utilizando muitas vezes nas ilustrações, a fantasia.

Na fotografia 3, fica evidente o hibridismo de gêneros, na qual utilizamos o “eu” como principal característica para identificar o gênero de autobiografia, seguindo critérios apresentados por Lejeune (2014) e a história em quadrinhos, através das linguagens verbal e não verbal. Nesta união, torna-se muito relevante explorar os sentidos que podem ser interpretados a partir de ambas as linguagens, já que o texto verbal descreve o sentimento de Marjane em “eu me divertia vendo o quanto Deus e Marx eram parecidos [...]” e o não verbal, sendo a ilustração de Deus e Marx, carrega a responsabilidade de mostrar as semelhanças que

ela enxergava. Ambos textos se relacionam a fim de proporcionar interpretações sobre o texto apresentado através do hibridismo.

Fotografia 3 - Persépolis, não paginado



Foto de: Mylene C Perin.

O fantástico, aspecto muito importante nas HQ's, ganha vida neste quadrinho na representação que Marjane faz dela e de Deus, sentados à mesa tomando café e conversando, funcionando como uma representação ilustrativa do que ela pensava naquele momento. Neste ponto, a linguagem não verbal carrega um papel muito importante: é dela a responsabilidade de mostrar algo que ela viveu no pensamento e, neste momento, precisou passar para o papel.

Esse hibridismo de gêneros discursivos apresenta possíveis interpretações de sentido. Conforme já pretendidas pela autora, assim como, da mesma forma que ela apresenta Deus, ela apresenta sua própria personagem através da ilustração, retomando sempre a ela também, enraizando cada vez mais que ela é a personagem que aparece com Deus, e que é a mesma autora de todo o texto.

A linguagem não verbal tem um papel de extrema importância em Persépolis, já que é a característica principal das histórias em quadrinhos: a ilustração. Satrapi se destaca como autora de Persépolis por não somente escrever sua história, mas também por ilustrá-la. Suas palavras e seus traços estão firmemente assinando este quadrinho autobiográfico.

Satrapi, utilizando ambas as linguagens, verbal e não verbal, faz seu relato autobiográfico ganhar vida principalmente através de seus traços e suas escolhas de cores, que se limitam ao preto e branco, traços esses presentes não só em Persépolis, mas também em

outros livros da autora. Somos acostumados a presenciar HQ's ou outros livros ilustrativos com o nome do autor remetendo somente a quem escreveu o texto verbal e, o nome do ilustrador, como se esse não fosse autor. Esse é um dos grandes destaques em Persépolis. Satrapi é duplamente autora, do texto verbal e, do não verbal, e o principal ponto: da sua própria história.

Vale salientar que a linguagem não verbal, nesse caso, as ilustrações, também são produtoras de discurso, assim como a verbal. Pensando em uma linha de desenvolvimento, partimos primeiramente do texto (e nele todos os elementos que exploramos, como os gêneros do discurso sendo a autobiografia, a história em quadrinho, o hibridismo entre estes gêneros e o que formam cada um dos gêneros – linguagem verbal e não verbal –), depois o discurso que se produz através dele e, por fim, as possíveis interpretações de sentido. Diante disso, Souza disserta sobre produção de discurso através das imagens:

Analisar a imagem como discurso permite ainda entender como funcionam os discursos sobre a imagem; discursos que vêm corroborando o mito da informação (evidência do sentido), aliado a um outro mito - o da visibilidade (a transparência da imagem), os quais são fundados nos e pelos aparelhos mediáticos que produzem a assepsia da comunicação, e do próprio acontecimento discursivo, no caso, à mercê dos esforços que procuram despi-lo ao máximo da sua complexidade (SOUZA, 1998, p. 32).

Neste ponto de produção de sentido partindo da imagem, ou seja, os quadrinhos de Persépolis, pode-se pensar que a produção de discurso, além de levar em consideração todos os outros elementos citados anteriormente, funcionam como uma corrente, em que a união de todos os elementos acarreta no resultado final. Assim sendo, partimos desde o contexto histórico, representado em Persépolis através das linguagens verbal e não verbal, e resultamos nos sentidos, em que todos os elementos presentes são capazes de proporcionar a identificação de Satrapi como autora desse texto.

No quadrinho fotografado abaixo, temos a volta de Marjane para o Irã após sua vida em Viena. Em um de seus primeiros passeios em Teerã, conforme fotografia 4, Satrapi demonstra sua tristeza, não por retornar a sua cidade, mas sim pelo que sua cidade havia se tornado pós-guerra. Esse é um dos aspectos mais marcantes de sua vida e este capítulo a autora intitula de “A volta”, em que representa seus anseios ao retornar para seu país.

Fotografia 4 - Persépolis, não paginado



Foto de: Mylene C Perin.

Este relato autobiográfico é voltado às mudanças de vida pelas quais Satrapi passou, suas idas e vindas e o quanto essas viagens foram significativas para sua formação pessoal e intelectual. Conforme apresentado anteriormente, a história do Irã é muito voltada à política que reforça a cultura do país bravamente. Quem Marjane foi enquanto viveu no Irã, acarretou em quem Marjane é nos dias atuais e todas as suas viagens, as mudanças e as discussões políticas acarretam também na vida que ela vive hoje e onde vive: na França, um país de braços aberto às diferentes artes. Lá, Satrapi se encontrou como sujeito escritor e ilustrador, autora.

No primeiro quadrinho dessa fotografia, Satrapi, utilizando o poder das cores, representou-se de preto, ao fundo da imagem e, à frente, ilustrou diversos corpos, representando as mortes que ocorreram no período em que ela esteve fora. Esse acontecimento é de extrema importância para a compreensão da autobiografia de Satrapi, de como essas vivências interferiram em sua vida.

Outro ponto é o segundo quadrinho da fotografia 4, em que, por meio da linguagem não verbal, Satrapi representa o seu sentimento de culpa em: "...rodeada por vítimas de uma guerra da qual eu havia fugido". Esse posicionamento, por meio da linguagem verbal da autora, é importante para compreender o não verbal, a ilustração de esqueletos representando pessoas

mortas. Neste quadrinho, voltamos ao papel da história em quadrinhos, do fantástico para representar os sentimentos de Satrapi.

Representar seus anseios em uma história em quadrinhos atribuiu grandes significados à história de Marjane, já que, por ser HQ, tem características voltadas ao fantástico, assim como ao humor. Desta forma, ela faz seu relato autobiográfico de maneira informal, por mais que apresente momentos de muita tristeza e aborde temas muito fortes ao decorrer do texto. Este é o ponto, o quanto e como Satrapi conseguiu apresentar de sua vida em uma narrativa híbrida.

A autoria no texto Persépolis não se dá somente pelo texto verbal, e sim também pelo não verbal. Diante disso, será relacionado à produção de autoria também a perspectiva de Fernandes (2017, p. 154), que relata que a função de autor pode tornar-se “[...] efetiva pelo imbricamento das posições-sujeito artista visual e escritor, a relação entre essas posições diz respeito ao surgimento de uma modalidade nova de escritor ou de artista visual [...]: o sujeito-escritor de imagens”.

3.2 Narrativa em primeira pessoa, “eu” como marca de autoria

Persépolis, por ser uma história em quadrinhos, constitui-se por texto verbal e não verbal. Marjane Satrapi faz da história em quadrinhos Persépolis seu relato autobiográfico e serão essas marcas de autobiografia que colaboram, neste olhar, para a construção de autoria partindo do “eu” autobiográfico. Para fundamentar essa análise, partiremos da perspectiva de Lejeune em *O pacto autobiográfico*, em que, em certos pontos, Lejeune trata diretamente do uso do “eu” como marca de autobiografia e autoria.

Vale ressaltar que nem sempre uma narrativa em 1ª pessoa remete a uma autobiografia. No caso de Persépolis, a identificação desse texto como relato autobiográfico de Satrapi, escrito por ela mesma (já que pode acontecer de uma autobiografia ser escrita por outras pessoas), ocorre também por meio de informações que constam no próprio livro. Como já exposto anteriormente, Beauchard relata na introdução de Persépolis que Marjane herdou a história do Irã e a transformou em um álbum de quadrinhos. Além de que, na orelha da contracapa de Persépolis, temos o seguinte relato: “[...] Marjane escreveu Persépolis em Francês para contar sua vida a seus amigos europeus e americanos [...]”.

Um exemplo da principal marca de autoria desta linha de análise se faz presente no primeiro quadrinho da fotografia 5, em que consta “essa sou eu, com 10 anos de idade, em 1980”. O pronome “eu” pode ser relacionado ao relato autobiográfico que Satrapi faz em Persépolis. De acordo com Lejeune (2014, p. 18), o “eu” é uma das marcas de autobiografias presentes nas narrativas, que formam então este gênero discursivo. Em relação a isso, o texto todo de Satrapi é narrado em primeira pessoa. Esse, e outros aspectos textuais presentes na

narrativa, faz com que o escrito possa ser classificado como texto autobiográfico se fizer relação com o que é apresentado por Lejeune (2014, p. 31):

A identidade de nome entre autor, narrador e personagem pode ser estabelecida de duas maneiras [...] seção inicial do texto onde o narrador assume compromisso junto ao leitor, comportando-se como se fosse o autor, de tal forma que o leitor não tenha nenhuma dúvida quanto ao fato de que o “eu” remete ao nome escrito na capa do livro, embora o nome não seja repetido no texto (LEJEUNE, Lejeune, 2014, p. 31).

Fotografia 5 - Persépolis, não paginado



Foto de: Mylene C Perin.

Satrapi busca, através do “eu”, fazer com que o leitor a relacione, narradora, com a personagem apresentada no primeiro quadrinho. “Eu” é um pronome pessoal do caso reto, sendo a primeira pessoa do singular e é neste pronome que se fundamenta a marca de autoria deste ponto.

No segundo quadrinho da fotografia 5, uma linha de personagens é ilustrada, representando as colegas de Marjane com o intuito de apresentá-las aos leitores. As colegas de Marjane são basicamente iguais, o que as iguala, em geral, são o véu e os olhares perdidos. O véu é um item importante nesse momento, retratado nesse ponto da história de Marjane como uma marca importante do momento político vivido por ela e as mudanças que vieram seguidamente disso em sua vida. Relacionando o contexto histórico que Satrapi apresentou ao decorrer de sua narrativa, torna-se perceptível que os olhares das personagens possam ser interpretados como olhares de medo e incerteza do que passariam a viver, já que, neste momento dos quadrinhos, Satrapi estava relatando o que se passava em sua escola e como as

mudanças políticas causaram mudanças em seu país. Esse é o grande papel da linguagem não verbal e Satrapi o explora muito bem, utilizando de seus traços cheios de significado para atribuir o discurso nas imagens.

Satrapi, ao decorrer de seu texto, vai contando como foi sua história no Irã, fora dele e as mudanças pelas quais passou. As mudanças não são somente de lugares para os quais viajou ao longo de sua vida, assim também como não são somente mudanças de pensamentos e escolhas de vida, mas também mudanças físicas.

A reafirmação do “eu”, ao longo de seu texto, aparece sempre relacionado a uma ilustração que remete a Satrapi, apresentando suas características físicas e suas feições conforme os acontecimentos pela qual ela passava. Em suas mudanças físicas, em certo ponto do texto, Satrapi faz uma retrospectiva das alterações pelas quais passou, conforme a fotografia 6, abaixo.

Fotografia 6 - Persépolis, não paginado



Foto de: Mylene C Perin.

Neste ponto, faz-se necessário ressaltar a importância do hibridismo de gêneros presente nestes quadrinhos, assim como as linguagens verbal e não verbal que têm muita relevância na produção de sentidos, partindo do discurso apresentado nesta retrospectiva, ilustrada por Satrapi. Ainda sobre os quadrinhos apresentados acima, o “eu” aparece somente no rodapé dos últimos quadrinhos com a frase: “enfim, eu estava num período de feiura sempre renovada”. A relação entre a personagem e o narrador – que no caso é a Satrapi – fica evidente pela narrativa

em primeira pessoa, descrevendo as mudanças pelas quais ela passou física e emocionalmente, além dos aspectos políticos de seu país que estavam em constantes oscilações.

Vale a reflexão, acerca da ilustração, voltada para como Marjane sentiu-se com as mudanças pelas quais seu corpo passou, sempre relacionando a personagem de Satrapi com a autora do texto Persépolis, neste ponto de vista, através do “eu”. Quem era o “eu” em que ela se referiu ao final do quadrinho? A personagem ilustrada nas diversas feições apresentadas com as descrições das mudanças apontadas por meio da linguagem verbal.

Esses efeitos de sentido presentes durante a narrativa de Satrapi, sobre sua vida, se produzem por meio de diversos aspectos, porém, resultam em um ponto que é muito importante para essa análise: a autora por trás da escrita e da ilustração. Uma só pessoa, que para referir-se a si mesma, nesse relato autobiográfico, faz uso do “eu” como reafirmação de que escreve sobre si, que deixou claro na capa do livro com seu nome voltado à autoria, assim como na introdução feita por um terceiro, ou na orelha de capa do livro. Essa narrativa foi construída por uma pessoa para contar sobre sua vida, seus anseios, sobre o contexto em que viveu e quais as consequências de suas escolhas para seu desenvolvimento pessoal.

Considerações finais

Desenvolver um trabalho de análise requer muito cuidado com as palavras, já que partimos da própria perspectiva e olhar sobre o mundo. Em Persépolis, temos diversos temas apresentados e tratados ao decorrer do texto. Acredito que o cuidado com a cultura do outro seja um dos pontos que é mais preciso ter cautela, principalmente quando essa é diferente da sua. Por mais que aqui tratamos, em geral, de aspectos textuais, os demais aspectos estão diretamente interligados nesse contexto.

Após a exposição do texto, retomando o contexto histórico em que esse se referiu, construiu-se um olhar cauteloso sobre a história de vida da Satrapi, além de criar um apego pela personagem e suas vivências. Partindo para as exposições teóricas, relacionou-se o texto Persépolis com os achados teóricos, fazendo com que cada parte da história em quadrinhos se conectasse com as teorias apontadas. Esta foi uma parte significativa: entender a construção do texto no contexto em que ela se remetia e aos efeitos de sentido presentes nele.

A ilustração de Satrapi é carregada de sentidos, seus traços e as escolhas das cores (preto e branco) também. Essa relação entre texto verbal e não verbal de Satrapi transforma seu relato autobiográfico em um texto significativo para discussão de diversos temas, assim como pode

ser estudado nas mais variadas áreas, pois apresenta aspectos históricos, geográficos, textuais e seus traços são cheio de arte, pois seu modo de ilustrar atribui significado ao texto verbal.

Ao chegar à análise dos possíveis caminhos a seguir, para compreender a produção de autoria em Persépolis, foi necessário um olhar crítico. Todo texto importa, tanto o verbal quanto o não verbal. A descrição por meio das palavras tem grande importância e carrega a narrativa verbal. As ilustrações completaram o discurso do texto, representando de forma fantástica o que fugiu do alcance das palavras. Podem ser identificados diversos pontos de destaque em Persépolis. Um dos principais é o quanto Satrapi se representa ao decorrer de seu relato autobiográfico, o quanto se reafirma ser a personagem principal e como foi importante que ela contasse sua história, escrevendo e ilustrando seu próprio relato.

Para compreender essa autoria, seguiram-se dois caminhos, partindo inicialmente do hibridismo de gênero. Entender a fusão entre dois gêneros discursivos foi importante para a compreensão do texto como um todo. Satrapi conta sobre si através de histórias em quadrinhos. A autora une, neste ponto, dois grandes gêneros discursivos, a fim de relatar seus anseios de vida para seus amigos e faz-se autora da primeira história em quadrinhos Iraniana. Esse hibridismo de gêneros é escancarado em Persépolis desde o início, quando o leitor identifica que se trata de um texto autobiográfico e é o hibridismo que faz Persépolis acontecer.

O “eu” é o outro ponto da análise dessa produção de autoria. A narradora, Marjane Satrapi, conta sua história se referindo o tempo todo a ela mesma a partir do pronome pessoal “eu”, reafirmando que é a sua história e suas origens que estão descritas ao decorrer do texto. Esse é o grande ponto, o quanto Satrapi se desenvolve como autora em Persépolis. Isso não só por relatar sua história de vida, mas de como ela utiliza os recursos textuais a seu favor para que ocorram as produções de sentidos.

Além dos diversos aspectos textuais presentes no texto, que foram de suma importância para a análise da construção de autoria em Persépolis, o contexto histórico de Marjane é de extrema relevância. O âmbito escolar em que a narrativa acontece inicialmente é muito importante para compreender como a escola tem um papel fundamental na vida das crianças e, neste caso, como o que aconteceu na escola foi marcante e significativo para depois estar presente na identidade de autor.

Marjane, desde criança apresentou gostar da escola, isso é relatado desde o início do texto em que se apresenta ela e suas colegas. Esse já é um aspecto que nos leva a construção de autoria, o laço que ela criou com o âmbito escolar, com seus colegas e de como a escola era e, como tornou-se após a revolução que ocorreu sem seu país.

Esses aspectos da vida escolar de Marjane fazem parte dos elementos que podemos julgar importantes que ocorrem no texto para a construção de autoria, conforme apontamos anteriormente segundo Foucault (2009, p. 264, 265), em que não é simplesmente uma assinatura, é um conjunto de elementos apresentados que fazem de alguém, autor.

Ao pensar nos demais textos de Satrapi, relacionando-os a Persépolis e, principalmente nos quadrinhos analisados, percebe-se a sua construção identitária como autora, os traços, a escolha do preto e branco, assim como o humor e a temática voltada a acontecimentos de seu país, Irã. Estes são elementos que nos remetem ao que já foi apontado segundo Foucault (2009, p. 272), sobre a construção de identidade do autor.

Em suma, Persépolis é um grande relato autobiográfico de histórias em quadrinhos escrito por uma grande mulher, que ilustrou e escreveu sobre sua vida, desde as partes mais leves assim como as mais difíceis para viver.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Herbert Sousa de; SILVA, Marcia Tavares. **O feminismo nos quadrinhos: uma leitura através de Persépolis**. In: IV SIMPÓSIO NACIONAL DE LINGUAGENS E GÊNEROS TEXTUAIS, Numeração. 2017, Campina Grande. Anais, Campina Grande: Realize, 2017.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BEAUCHARD, David. Introdução. In: SATRAPI, Marjane. **Persépolis**. Tradução Paulo Werneck. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- CAVALCANTE, Laís Medeiros. **Persépolis: a identidade feminina através dos requadros de Marjane Satrapi**. Mneme, Caicó, v. 14, n 33, p. 10-35, 2013.
- COSTA, Robson Santos. **As histórias em quadrinhos como gênero discursivo**. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGÜÍSTICA, NUMERAÇÃO 2009, Uberlândia. Anais, Uberlândia: EDUFU, 2009.
- FERNANDES, Carolina. **Visível e o invisível da imagem**. 1.ed. São Paulo: Mercado de Letras, 2017.
- FERREIRA, Marieta, AMADO, Janaína (orgs.). **Usos & abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** In: Ditos e escritor III. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- GALLO, Solange Leda. **Autoria: questão enunciativa ou discursiva?**. Revista Linguagem em (Dis)curso, v. 1, n. 2, 2001.
- GOMES, Maria Carmen Aires. **A questão do hibridismo na relação entre gêneros discursivos e mudança social**. Estudos da linguagem, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 155-170, 2005.
- GUIMARÃES, Elisa. **Linguagem verbal e não verbal na malha discursiva**. Bakhtiniana, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 124-135, 2013.
- LAMBIEK. David B. Disponível em: https://www.lambiek.net/artists/b/b_david.htm. Acesso em: 08 de dez. 2019.
- LEJEUNE, Philippe. **O Pacto Autobiográfico: De Rousseau à internet**. 1.ed. [S.l.]: UFMG, 2014.
- MAGNAVITA, Andréa Costa. **Um olhar sobre Persépolis e a busca do significado do ser mulher e iraniana**. Universitas humanas, Brasília, v. 8, n. 1, p. 131-144, 2011.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros Textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, Ângela P.; MACHADO, Anna R.; BEZERRA, Maria A. (Org.) Gêneros Textuais e Ensino. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MARRA, Laisa. **Tradição e transgressão em Persépolis, de Marjane Satrapi.** Nau Literária, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 20 – 35, 2014.

MIGUEL, Lucas Fazola. Persépolis: **O desvelamento identitário de Marjane Satrapi.** Darandina Revisteletrônica, Juiz de Fora, v. 10, n. 1..

NOGUEIRA, Natania A. Silva. **Representações femininas nas histórias em quadrinhos da EBAL.** História, imagem e narrativas, v. 10, 2010.

ORLANDI, Eni P. Análise de discurso. 12^a ed. Campinas: Pontes, 2015.

ORLANDI, Eni P; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy (Orgs.). **Discurso e textualidade.** Campinas: Pontes, 2006.

PATO, Paulo Roberto Gomes. **História em quadrinhos: uma abordagem bakhtiniana.** 2007. 151 p. Dissertação (Mestrado em educação). Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento.** 4. ed. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2006.

SATRAPI, Marjane. **Persépolis.** Tradução Paulo Werneck. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SOUZA, Tania C. Clemente. **Discurso e Imagem: Perspectiva de análise não verbal.** Revista CIBERLEGENDA, Niterói, RJ: v.1, p.15-32, 1998. Disponível em: <<http://www.ciberlegenda.uff.br/index.php/revista/article/view/240/128>>. Acesso em: 05 out. 2018.

RESUMEN: En este texto hablamos sobre la autoría en Persépolis. El objetivo de este trabajo es comprender cómo se produce la autoría en Persépolis. Para desarrollar el trabajo se eligieron dos caminos de análisis para entender la producción de la autoría: uno de ellos es el hibridismo de géneros entre la historieta y la autobiografía y el otro el “yo” como marca de autoría, presente en Persépolis. En ambos caminos se enfatiza la importancia de todos los elementos presentes en el texto para esta comprensión. Primero, se presenta el texto Persépolis, con algunos recortes históricos relevantes para su comprensión. Luego, se realiza un extracto teórico sobre elementos textuales importantes para el análisis, partiendo principalmente de la perspectiva de Bakhtin sobre los géneros discursivos, entre otros autores. Para hablar de la autoría partimos principalmente de Foucault y, finalmente, presentamos los dos caminos elegidos para entender la autoría. En este punto culminan los dos anteriores, es decir, el camino es: texto, elementos textuales y análisis. Siguiendo los caminos elegidos, permite una mirada cautelosa a la vida de Marjane desde su infancia, ya que el contexto histórico en el que vivió la llevó a sus elecciones de vida. Esta tira cómica es importante para comprender también el papel de la mujer en la sociedad, ya que la religión y la política tienen un papel fundamental en las elecciones de cada una y, luego, en los caminos que seguirán en su vida. Todos estos aspectos son importantes para comprender cómo Satrapi, al final, es nombrada autora de Persépolis.

PALABRAS CLAVE: Persépolis; Géneros de discurso; Hibridación; Autoría.